



A barbárie com rosto humano: as tribos pós-modernas

Barbarie with a human face: Postmodern tribes

Michel Maffesoli
michel.maffesoli@ceaq-sorbonne.org

Tradução:
Juan Pablo Chiappara²
juanpablochiappara@terra.com.br

As tribos pós-modernas, atualmente, fazem parte da paisagem urbana. Depois de terem sofrido uma conspiração silenciosa das mais rigorosas, é preciso reconhecer que muito se escreveu sobre elas para, simultaneamente, relativizá-las, marginalizá-las, invalidá-las e, depois, negá-las. Coloquemos uma questão simples: essas tribos não seriam a expressão da figura do bárbaro, que volta regularmente para fecundar um corpo social um pouco relaxado?

É certo que, quando uma forma do laço social se satura e uma outra (re) nasce, tal fato sempre acontece num contexto de medo e tremor. É isto que faz com que certas boas almas possam se sentir chocadas por esse (re)nascimento, já que ele desestabiliza um pouco a moral estabelecida. Ao mesmo tempo, essas boas almas podem se sentir muito magoadas, uma vez que essas tribos, de um modo geral, não têm nenhum interesse no primado da Política.

Eu já o disse em textos anteriores: *Política ou Jogo*. E o segundo prevalece de forma tão evidente que a Política se teatralizou, se tornou objeto de escárnio: resumindo, foi contaminada pelo lúdico.

Seja como for, e independentemente daquilo que cada um pense sobre elas, as tribos pós-modernas são um fato. E, salvo se todas forem exterminadas, o que parece bastante difícil, uma vez que nossos filhos fazem parte delas, há de se lidar com as mesmas, se acostumar com suas formas de ser e de aparecer, com seus *piercings* e tatuagens variadas, com seus curiosos rituais, com suas músicas barulhentas, enfim, com a nova cultura, da qual elas são a nova referência, trazendo informações novas e dinâmicas.

É verdade que, se o (re)surgimento de essa nova forma de estarem juntos não deixa de ser desconcertante, também não é totalmente incompreensível. De fato,

¹ Professor da Sorbonne, Instituto Universitário da França.

² Universidade Federal de Minas Gerais.

tal como acontece com o indivíduo, é necessário pensar em um simples processo de compensação. Cada vez mais esquecendo o choque cultural que provocou seu nascimento, a civilização moderna se homogeneizou, se racionalizou ao máximo. Sabemos também que "o tédio nasceu da uniformidade". A intensidade de ser se perde quando a domesticação se generaliza.

Assim, quando um ciclo se acaba, se ativa o mecanismo da compensação. Aos poucos, a heterogeneidade ganha espaço. No lugar de uma razão soberana, o sentimento de pertencimento retoma o direito de cidade. E, confrontado a uma segurança chata da existência – o que Durkheim chamava a efervescência que estrutura toda a comunidade –, a heterogeneidade volta com força ao primeiro plano do cenário social. O gosto pelo risco, de uma maneira difusa, reafirma sua vitalidade e o instinto, domesticado, tende a se tornar selvagem; em outras palavras, sob formas múltiplas, o bárbaro torna a se apresentar como algo plausível.

Mesmo que sucintamente, é necessário lembrar de onde vem o tenaz e constante cuidado de domesticação próprio da tradição judaico-cristã, ou, melhor dizendo, próprio da ideologia semita. A resposta é simples: da certeza da natureza corrompida do ser humano. É isto que funda a moral e, o que é exatamente igual, a política da modernidade.

No lento processo de secularização, a Igreja, e depois o Estado, cujo braço armado é a Política e a Tecnoestrutura, têm como função essencial corrigir o Mal absoluto e originário. Trata-se de uma missão cuja hipocrisia veremos mais adiante, a qual, com diferentes rótulos, fundamentará constantemente a vida pública ocidental. Projeto prometeico por excelência do qual nunca se dirá o quanto acha sua origem na obrigação bíblica de "submeter à natureza" (Gênesis, cap. 1, v. 28), seja no aspecto concreto da fauna e da flora, seja controlando o indivíduo e o grupo social. Baseando-se numa lógica da dominação, elabora-se o mito do Progresso e da igualdade, que é seu corolário direto. Para expressá-lo de forma mais direta, o tripé desse projeto era o higienismo (ou o risco zero), a moral, e uma sociedade "nos trinquês".

É necessário acrescentar (e isto não é menos importante) a especificidade cultural dessa tradição que foi o Universalismo. Desde São Paulo, de um ponto de vista teológico, até o Iluminismo, numa perspectiva filosófica, o que fora um privilégio de algumas tribos nômades do Oriente Médio, depois o traço característico de um pequeno cantão do mundo, a Europa, serviu finalmente de *critérium* ao mundo todo.

É necessário destacar o fanatismo de uma pretensão como essa. Mas é esse fanatismo que, no final do século XIX, permitiu que os valores específicos se tornassem valores universais. Quando o imperador Meiji abriu os portos aos navios europeus, ou quando o Brasil inscreveu sobre sua bandeira a célebre frase de Augusto Comte "Ordem e progresso!", foi possível afirmar que a homogeneização do mundo tinha atingido um apogeu até então nunca visto.

Entretanto, não é possível ignorar que há também uma proto-gênese desta pulsão dominadora. Sem falar em etnocídio e outros genocídios culturais, não seria inútil lembrar o laço existente entre o mito do Progresso e a filosofia do Iluminismo, por um lado, e entre os campos de concentração (em nome da pureza da raça ou da classe) e as guerras devastadoras e suicidas do século XX, por outro lado.

“A inocência do devir”

Ao se ressaltar a moral com frequência, que repousa sobre uma lógica do dever ser, se chega a excessos não previstos. Isso se chama heterotelia. Obtém-se o contrário do que era desejado; por exemplo, a tentativa de domesticação do animal humano o conduz a ser bestial. Como mecanismos de comprovação para tal fato estão os diversos campos e *gulags* do século passado, efeitos perversos por excelência, mas totalmente dentro da lógica da busca da perfeição. Neste caso, a sabedoria popular, depois de Blaise Pascal, pode ser útil ao nosso propósito: ela ressalta que "quem quer se fazer de anjo, se faz de besta"³.

Só farei uma alusão, mas há dois vícios que caracterizam os defensores do universalismo ou, igualmente, os protagonistas da filosofia do Iluminismo: a hipocrisia e o autoengano. Assim, Koselleck (1973) ressaltou pertinentemente que é sempre em nome da moral, de uma nova moral que se reivindica o direito de governar no lugar dos que governam. Falar em nome da Humanidade e da Razão é particularmente pérfido, uma vez que se mascara (apenas) que o real motivo de todos esses moralistas é, simplesmente, o poder.

Poder econômico, poder político e poder simbólico são os objetivos normais da filosofia da história e das filosofias morais. É sempre em nome do Bem, do Ideal, do Humano, da classe e de outras entidades abstratas que as piores ignomínias são cometidas. Sempre há nos moralistas um homem com seus ressentimentos adormecidos.

É disso tudo que nós viemos. É isso que constitui o cérebro reptilário do homem moderno e o que permanece como fundamento do pensamento estabelecido e das instituições sociais. Mas esta bela construção, aparentemente imaculada, está rachada por todas as partes. Ela é tão porosa que as tribos pós-modernas são ao mesmo tempo a causa e o efeito.

O que elas expressam, se não é aquilo que, de uma forma premonitória, Nietzsche nomeava "a inocência do devir": Aceitação do *amor fati*⁴, consentimento com esta terra, com este nosso mundo. Este último, de encontro à doutrina judaico-cristã, não acha sua origem em uma criação *ex-nihilo*; é o que há, como um dado com o qual convém, por bem ou por mal, entrar em acordo. É disso que o bárbaro, um pouco pagão, quer nos lembrar. É verdade, ele não faz isso de forma consciente; nem sequer é

³ Traduzido literalmente do ditado francês "Qui veut faire l'ange, fait la bête" (N.T.).

⁴ Em latim no original. Esta expressão significa "amor ao destino", "amor ao fado". (N.T.).

verbalizado; mas é amplamente vivido no retorno às tradições, religiosas e espirituais, no exercício das solidariedades quotidianas, ao fazer reviver as forças primitivas. Isto conduz à revalorização dos instintos, das éticas, das etnias.

O que induz essa nova sensibilidade – pode-se dizer este novo paradigma – é um poderoso imanentismo. Isto pode tomar formas mais sofisticadas ou mais triviais. O hedonismo, o prazer do corpo, o jogo das aparências, o apego ao presente indicam que não se trata de um ativismo voluntarista, mas da expressão de uma real contemplação do mundo. Ou, para expressá-lo de uma outra forma, a aceitação de um mundo que não é o céu sobre a terra, que não é tampouco o inferno sobre a terra, mas a terra sobre a terra. Contudo, o que isso tem de trágico ("*amor fati*"), tem também de júbilo. Deixar rolar, deixar viver, deixar ser. Estas poderiam ser as palavras-chave das tribos inocentes, instintivas, um pouco animais, e, com certeza, muito vivas.

A efervescência tribal

A modernidade que acaba tirou a irritabilidade nervosa, literalmente, do corpo social. O higienismo, o anelo da máxima segurança, a racionalização da existência e as interdições de todo tipo tiraram do corpo individual ou do corpo coletivo a capacidade de emitir reações necessárias para a sobrevivência. Parece que, para retomar uma expressão de Georg Simmel, na pós-modernidade estamos diante de uma "intensificação da vida dos nervos".

O instinto, o primitivismo, consiste em dar o seu lugar aos "nervos". É considerar que o próprio da natureza humana não se resume mesmo no cognitivo, no racional, mas inclui um *complexio oppositorum*, o qual podemos traduzir como uma compactação, uma malha de coisas que se opõem.

É nesse conjunto que convém saber ver a efervescência tribal contemporânea. Certas manifestações que dela decorrem podem, eu já disse, nos afligir ou nos magoar. Tais manifestações expressam também, às vezes de forma acanhada, a afirmação de que, em oposição ao pecado original e à corrupção estrutural, existe uma bondade intrínseca do ser humano, em que o invólucro no qual este último se situa, a terra, é também desejável.

Um tal imanentismo, contudo, desemboca em um definhamento da política. Ou melhor, desemboca naquilo que o definhamento, ao se transfigurar e se domesticar, se transforma em ecologia. *Domus*, *eikos* são termos que designam a casa comum que deve ser protegida das devastações às quais a modernidade nos acostumou. As maquinações desse homem, "mestre e possuidor do universo", segundo a expressão de Descartes, desembocaram na

ruína que conhecemos. As tribos, mais prudentes, mais precavidas também, se dedicam menos a maquirar contra os outros e contra a natureza, e é isso que lhes confere sua inegável especificidade. Essa recusa à maquiração política é também a base do medo no qual se inspira esta maneira de estarem juntos. Medo que engendra, como sempre acontece com este tipo de sentimentos, os exageros possíveis de ler aqui ou acolá e dizem respeito às múltiplas maldades cometidas pelas bárbaras tribos, em particular, nas favelas e nas diversas periferias urbanas. A imprensa – e não somente a sensacionalista – tira um grande proveito disso; e não são poucos os foliculários que utilizam esse tipo de estratégia para fazer chorar Margot⁵. No franglês contemporâneo, isso significa procurar o *scoop*⁶.

A expressão que se utiliza habitualmente para estigmatizar o fenômeno tribal é o termo comunitarismo. Como toda estigmatização, fruto do medo, é uma forma de preguiça que pode nos custar caro. É um tique de linguagem amplamente divulgado, seja à esquerda ou à direita. É também uma forma de burrice. De fato, não se resolve aquilo que coloca um problema suprimindo-o ou negando-o. É também uma atitude infantil, uma espécie de deslumbramento: as palavras se repetem, a maioria delas é vazia de sentido, e pensa-se que assim se resolve o problema. Mas, para além do medo, da preguiça, da burrice e da puerilidade, qual é o problema concreto?

A especificidade da organização social da modernidade reduziu tudo à unidade. Evacuar as diferenças. Homogeneizar as maneiras de ser. A expressão de Comte, *reductio ad unum*, resume bem esse ideal, o de uma República una e indivisível. E não é possível negar que tenha se tratado de um verdadeiro ideal cujos resultados – culturais, políticos e sociais – foram inegáveis. Mas, com o tempo, as histórias humanas nos ensinaram que nada é eterno. E não é a primeira vez que se observa a saturação desse ideal unitário. O Império Romano, Inca, Asteca e uma lista que se pode multiplicar ao infinito são exemplos de formas de organização centralizada que deveriam ser confrontadas com o declínio real.

Essa realidade nos obriga a constatar, como já disse brevemente acima, que a heterogeneidade está de volta. É o que Max Weber nomeava como politeísmo dos valores e, por esse viés, fazia referência à diferença, aos localismos variados, às especificidades languageiras e culturais, às reivindicações étnicas, sexuais, religiosas, aos múltiplos reagrupamentos em torno de uma origem comum, real ou mítica.

Tudo serve para celebrar um estar juntos, cujo fundamento é menos a razão universal que a emoção compartilhada, o sentimento de pertencimento. É assim que o corpo social se divide em pequenas tribos. Corpos que se teatralizam, se tatuam, se

⁵ Aqui há, provavelmente, uma referência implícita a uma música francesa muito famosa de Georges Brassens, intitulada *Brave Margot*. É uma história de preconceito, violência e justiça por mão própria contra a suposta subversão de uma mulher que seduz os homens do vilarejo de forma bastante ingênua. Aliás, o autor parece ter associado duas canções de Brassens, que fazem parte do cancionário popular francês; a mencionada e *Les trompettes de la renommée* (Os trompetes da fama), em que o autor critica os jornalistas foliculários (N.T.).

⁶ Procurar uma notícia que chame a atenção, que possa atrair os leitores e as vendas, por intermédio de algo extraordinário (N.T.).

enchem de *piercings*. As cabeleiras se eriçam ou se cobrem de echarpes, de quipás, de turbantes ou de outros acessórios como o *carré Hermès*⁷. Resumindo, no ambiente cinza cotidiano, a existência se enche de cores novas que traduzem a fecunda multiplicidade dos filhos dos deuses, pois sabemos que há muitas casas na morada do Pai.

É isso que caracteriza o tempo das tribos. Sejam sexuais, musicais, religiosas, esportivas, culturais ou até políticas, elas ocupam o espaço público. É uma constatação pueril e irresponsável negar isto. É doentio estigmatizá-las.

Seria muito melhor se nos inspirássemos em uma imemorial sabedoria popular que consiste em acompanhar a mutação que se está produzindo. Isto evitaria transformá-la em algo perverso, uma vez que não se poderia governar. Ao fim e ao cabo, por que não se poderia pensar que a *res pública*, a coisa pública, se organize a partir do ajustamento, a *posteriori*, de essas tribos eleitas? Por que não admitir que o consenso social, no sentido mais próximo possível de sua etimologia (*cum sensaulis*), possa descansar sobre a comunhão de sentimentos diversos?

Se tais sentimentos estão entre nós, por que não aceitar as diferenças comunitárias, ajudar a estabelecer sua união e aprender a viver com elas? O jogo da diferença, longe de empobrecer, enriquece. No final das contas, uma composição como essa pode desembocar numa melodia social com um ritmo um pouco entrecortado, mas não menos dinâmico. A cadência dos *samplers* da música *techno* traduzem, também, uma forma de cultura.

Enfim, é perigoso não reconhecer a força do pluralismo em nome de uma concepção um pouco decadente da unidade nacional. O centro da união pode se viver na conjunção, a *posteriori*, de valores opostos. Depois da harmonia abstrata de uma unicidade superficial, está sobrevivendo – através de múltiplas tentativas de ensaio e erro – um equilíbrio conflitual, causa e efeito da vitalidade das tribos.

Internet: a iniciação a uma nova ordem comunicativa

Não há mais espaço para serem velhos resmungões, obnubilados pelos “bons velhos tempos” de uma unidade fechada sobre si. O que os filósofos da Idade Média nomeavam unicidade, que exprimia uma coerência aberta, poderia ser uma boa forma de compreender o vínculo, o laço social fundado sobre a disparidade, o multiculturalismo, a polissemia. Isto, é claro, requer uma audácia intelectual: saber pensar a veracidade de um ideal comunitário em gestação.

Efetivamente, há momentos nos quais é importante erguer um pensamento que vise longe e que possa apreender as novas configurações sociais. Para isso não é possível contentar-se desses conceitos autistas, fechados sobre si, que, em italiano chamam, com total razão, *concetti*, isto é, visões do espírito. Em soma, não

se pode – e é essa a debilidade do intelectual – criar o mundo à imagem e semelhança daquilo que gostaríamos que ele fosse.

Audácia, então, que permite compreender que, do lado oposto da solidariedade puramente mecânica, que foi a marca da modernidade, o ideal comunitário das tribos pós-modernas descansa sobre o retorno de uma sólida e rizomática solidariedade orgânica: um paradoxo que não é menor consiste em dizer que isto tão antigo que é a tribo, assim como suas formas tradicionais de solidariedade (vivas no dia a dia e exercidas com os mais próximos), nascem, se expressam e se confrontam graças às diversas redes eletrônicas. A partir disso, é possível atribuir uma definição à pós-modernidade: sinergia do arcaico e do desenvolvimento tecnológico.

É necessário lembrar que o arcaico, no seu sentido etimológico, isto é, no sentido daquilo que vem primeiro, que é fundamental, vê desdobrar seus efeitos por novos meios de comunicação interativa. A imagem do que foi a circunavegação no começo dos tempos modernos, navegação que era a causa e o efeito de uma nova ordem do mundo (o que Carl Schmitt chamou o “Nomos da terra”), certos sociólogos mostraram com razão como a circunavegação própria da *Internet* está criando novas formas de ser, de mudar, profundamente, a estrutura do laço social (www.ceaq-sorbonne.org, Gretech, grupo de pesquisa sobre tecnologia dirigido por Stéphane Hugon).

Não é preciso ser um fanático dessas novas tecnologias interativas para compreender a importância do que é necessário chamar, com justiça, os sítios comunitários. *Myspace* e *FaceBook* permitem aos usuários tecer laços, trocar ideias e sentimentos, paixões, emoções e fantasmas. Do mesmo modo, o *YouTube* torna favorável a circulação de vídeos, de músicas e outras criações artísticas. E, mais recentemente, *Lively* começa a confederar a vida *on-line* dos internautas.

A expressão que prevalece, sendo declinada até o cansaço, é a da vida comunitária. Através desse gesto é possível perceber que o medo do comunitarismo é o fantasma de uma outra época, totalmente defasado em relação ao mundo real daqueles que fazem a sociedade hoje e que, com maior força ainda, a farão amanhã.

Graças à *Internet*, de fato, uma nova ordem comunicativa começa a reger. Ela favorece os encontros; o fenômeno dos *flashmob* é prova disso; sobre coisas fúteis, sérias ou políticas, mobilizações se fazem e desfazem no espaço urbano e virtual. Acontece o mesmo com o *streetbooming*, que possibilita que, nas grandes cidades contemporâneas, nessas selvas de pedra que favorecem o isolamento, ao se conectarem à *Internet*, as pessoas se encontrem, se falem, se conheçam, propondo uma nova maneira de estar junto, baseada numa forma criativa de compartilhar o mundo.

Tais redes sociais *online*, como os encontros que isso produz, deveriam nos manter atentos sobre uma forma de sociabilidade específica na qual o prazer lúdico reconforta a

⁷ Trata-se de uma *echarpe* quadrada (*carré*), criada em 1937 em Paris, que se tornou famosa até o dia de hoje.

simples funcionalidade. Também é interessante notar que, cada vez mais, são utilizados termos de iniciados para caracterizar os protagonistas desses sítios de encontro: iniciação a novas formas de generosidade, solidariedades pequenas que não têm nada a ver com o Estado-providência e sua visão de cima. Como o indica Strohl (2008)⁸, um bom conhecimento desse problema é necessário porque é fundamental no contexto comunitário, no qual as técnicas interativas difundem uma ajuda mútua sob formas variadas. Curioso retorno a uma ordem simbólica que se acreditava ultrapassada.

Para compreender bem uma ordem como a descrita é fundamental elaborar não só um pensamento crítico, judicativo, mas também propor um questionamento muito mais radical, que possa apreender os arcanos da sociabilidade. De fato, no centro do devir histórico, como na ação política, há um princípio secreto que se tem necessidade de descobrir.

Não é isso o que nos revela a verdade na sua origem grega: *aletheia*, o que revela o escondido? Mas é necessário também que saibamos respeitar o que está escondido. Estranho paradoxo do pensamento radical: saber dizer claramente o que é complicado, aceitando simultaneamente que as dobras do ser individual ou coletivo permanecem como uma realidade impenetrável. É essa a lição das coisas que, continuamente, nos brinda a existência. É isso que constitui o mistério da vida.

Buscar o essencial no invisível das aparências

No embalo do romantismo, depois do surrealismo, os situacionistas, nos anos 60 do século passado, partiram à procura da mítica passagem do noroeste que abriria horizontes infinitos. Para isso, eles montaram uma psicogeografia, uma deriva, que lhes permitia descobrir que, para além da simples funcionalidade da cidade, existe um labirinto do vivido, muito mais profundo e tranquilizador, o fundamento invisível de qualquer existência social.

É possível extrapolar um questionamento como esse, poético-existencialista, e os arcanos da cidade podem ser úteis para compreender uma estrutura tácita que, em certos momentos, assegura a permanência da vida em sociedade; tácito, que não se exprime verbalmente, que está tudo subentendido; implícito, que vai alojar nas dobras do mistério e do inconsciente coletivo.

Jean Baudrillard, no seu tempo, ficou atento a essa "sombra das maiorias silenciosas", a esse "ventre mole" do social. Da minha parte, de diversas maneiras, eu analisei a centralidade do subsolo, a sociabilidade no obscuro e outras metáforas que apontavam o regresso do povo ao seu Aventino⁹.

Orfandade da tradição mítica que volta, sub-repticiamente, adaptada aos nossos dias.

Um retrocesso como esse é comum nas histórias humanas. E sempre é o indício de uma demanda de reconhecimento. Contra o patriciado romano, o povo recorre aos seus direitos. Acontece o mesmo hoje em dia. E a demanda implícita, silenciosa, que custa ser formulada, necessita que se saiba fazer um tipo de geologia da vida social. Precisa-se correr atrás das estruturas heterogêneas que a constituem.

Fiquemos, contudo, nessa ambivalência, nessa bipolaridade entre o que se dobra sobre si e o que se mostra. Mas quanto mais se oculta, mais fica em evidência. Lembremo-nos do comentário que fez Lacan do conto de Edgar Poe, *A carta roubada*. É porque ela está aí, perto do duto da lareira que o delegado, que está à sua procura, não pode vê-la. E como um eco, escutemos o conselho de Gaston Bachelard: "só existe a ciência do escondido".

Façamos isso, mas não sem deixar claro que o que está escondido salta aos olhos de todo mundo. E por menor que seja a atenção que concedamos à teatralidade dos fenômenos, esse *theatrum mundi* de antiga memória, conseguiremos ver os novos modos de vida em gestação. Para além de nossas certezas e convicções políticas, filosóficas, religiosas, científicas, é bom acordar para aquilo que, humanamente, está diante dos nossos olhos. Buscar o essencial no invisível das aparências, da vida quotidiana, dos prazeres pequenos e de pouca importância, constitui o solo fértil onde cresce o ser-juntos. Não é isto a cultura? "Os aspectos mais importantes para nós estão escondidos devido a sua banalidade e a sua simplicidade" (Wittgenstein, 1994).

Talvez seja a partir de um princípio de incerteza como esse que seremos capazes de fazer um bom prognóstico, isto é, ter a intuição dos fenômenos, a visão do interior que, com frequência, faz tanta falta às elites paranóicas. A partir disso, o olhar penetrante nos permitirá ver o núcleo fatídico das coisas, porque nós não somos mestres. O que buscamos vem de longe e não se deixa dominar pela frágil razão instrumental da modernidade, núcleo arquetípico cuja fecundidade deve ser reconhecida.

Referências

- KOSSELLECK, R. 1973. *Kritik und Krise - Eine Studie zur Pathogenese der bürgerlichen Welt*. Frankfurt am Main, Suhrkamp, 230 p.
- STROHL, H. 2008. *L'Etat social ne fonctionne plus*. Paris, Albin Michel, 219 p.
- WITTGENSTEIN, L. 1994. *Investigações Filosóficas*. Petrópolis, Vozes, 350 p.

Submetido em: 30/12/2008

Aceito em: 15/02/2009

⁸ *O estado social não funciona mais* (N.T.).

⁹ Trata-se de uma das Sete colinas de Roma. Segundo diz a lenda, nelas havia sete tribos que se teriam reunido para fundar a cidade de Roma, no século VIII a.c. (N.T.).

